

# OS PRINCÍPIOS DISCIPLINAR EM MICHEL FOUCAULT E AUTODISCIPLINAR EM ANTONIO GRAMSCI E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.

*Janiara de Lima Medeiros<sup>1</sup>  
Fabio da Silva Pereira<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar a concepção de educação integral, frente aos reflexos ideológicos, em sua proposta de formação educacional heterônoma e pragmaticamente organizada para a educação escolar militar. Neste contexto, a problemática da pesquisa está em verificar se a educação militar calçou o conceito de disciplina *intra* e *extra* corpus com ênfase nas instituições totais.

A metodologia selecionada é a pesquisa exploratória, através da qual serão observados e analisados a manutenção da lógica do capital e o controle das massas sociais preservam as categorias antigas do projeto de nação e da educação ocidental, com vistas à formação militar. Para isso, faremos uma revisão histórico-sociológica, onde as tradições disciplinares dialogam com seu desenvolvimento conceitual e que as influências político-culturais, como, por exemplo a atual reforma do Ensino Médio. Como resultados, a necessidade de ordenamento social centrada na teoria de Michel Foucault ganha a importância no viés educacional vigente, admitindo que a sua manipulação é necessária ao ordenamento, à hierarquização e à verticalização da cultura dominante.. A metodologia selecionada é a pesquisa exploratória, através da qual serão observados e analisados a manutenção da lógica do capital e o controle das massas sociais preservam as categorias antigas do projeto de nação e da educação ocidental, embora com novos nomes nessa nova lei.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Militar. Disciplina. Formação Integral.

## UM “BREVE” PANORAMA SOBRE O MUNDO DO TRABALHO

A percepção dos olhares no tocante ao mundo do trabalho mostra a presença maciça do Estado atualmente como o poder integrador das mais

---

1

Mestranda em Educação pela UFF, é Especialista em Psicopedagogia Institucional e em Gestão de Recursos Humanos, Pós-graduada em Gestão- EaD e possui MBA Executivo em Marketing. 2º Tenente do Exército Brasileiro, Chefe da Seção de Português, é docente nos cursos de Português para militares estrangeiros no Centro de Idiomas do Exército (CIdeX) e em outras disciplinas dos cursos do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) para militares das Forças Armadas e Forças Auxiliares do Brasil. E-mail: [jani.medeiros.educacao@gmail.com](mailto:jani.medeiros.educacao@gmail.com).

2

Doutorando em História pela UNIVERSO. Mestre em Educação Militar pelo Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) e Mestre em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV); Tutor presencial de História do Brasil pela UNIRIO. Email: [fabio.pereira.historia@gmail.com](mailto:fabio.pereira.historia@gmail.com)

distintas atividades. Fazendo um breve retrospecto, apesar da concepção dos Estados Nacionais<sup>3</sup>, tal processo se deu de forma diversa em diferentes lugares do globo. Portugal capiteneou esse processo, seguido da Espanha e de outros lugares da Europa.

Com o advento do século XVIII e a Revolução Industrial inglesa em curso, novas formas de trabalho apareceram no contexto europeu: por um lado, o cercamento dos campos e a migração dos camponeses para as cidades encontraram nas fábricas e suas máquinas uma alternativa para sobreviver naquele cenário. Por outro lado, a pressão política pelo consumo passou a crescer e os “negócios” que envolviam cativos passaram a ser combatidos, inclusive sob a força das armas<sup>4</sup>.

No Brasil, consequências como a edição da Lei Eusébio de Queirós (BRASIL, 1850) contribuíram para a cessão do tráfico de escravos através do oceano atlântico em 1856 (PRADO Jr, 1979). Com o aperfeiçoamento tecnológico e a criação de estruturas organizacionais segmentadas, de acordo com Max Weber, a consolidação dos Estados nacionais<sup>5</sup> envolveu dois aspectos distintos, se bem que estreitamente relacionados: a burocratização da autoridade pública e o reconhecimento legal de direitos básicos aos membros da comunidade política (Weber, 1946).

Tal estrutura contribuiu para a manutenção da divisão dos trabalhos sob o paradigma industrial. Em pleno século XXI ainda estamos sob esse paradigma, embora alguns segmentos de tecnologia tenham ingressado na era do

---

3

Segundo a historiadora Emília Viotti da Costa, Inicialmente o mundo vivera a época renascentista, época dos descobrimentos e a emancipação social de uma nova classe social, a burguesia (comerciantes). Havia o interesse da burguesia em subsidiar os reis para que estes governassem no sentido de favorecer seus negócios. É neste contexto que se dá o surgimento dos Estados nacionais Modernos (França, Inglaterra, Espanha e Portugal) fruto da aliança entre mercadores e a Colônia (o capitalismo industrial + Estado Nacional = mercantilismo). O interesse dos mercadores resumia-se na busca e na exploração do ouro e da prata provida das colônias. O Estado, neste sentido, devia proteger os interesses comerciais dos burgueses na busca das riquezas nas colônias (COSTA, 1971, p.1).

4

A Navigation Act “autorizava” a Royal NAYY britânica na apreensão de navios negreiros ao redor do mundo.

5

conhecimento, onde os as pessoas fazem um caminho inverso à divisão das suas tarefas, aglutinando capacidades e imprimindo valor ao produto final.

Nesse sentido, desde os primórdios da educação escolar, aconteceram tentativas bem sucedidas (ou não) de formação humana interessada em atender aos interesses sociais. Interesses estes determinados na modernidade pelo Estado - política, jurídica e socialmente organizado. Com o surgimento gradual e global das sociedades que buscavam fixar suas culturas, corrigir comportamentos que estivessem fora do padrão desejável e estruturar-se solidamente nasce o Estado. Em sua necessidade de sistematizar e controlar a convivência de indivíduos no mesmo território, estabelecendo ordem e limites, inicia-se um processo de educação no sentido de formação social humana.

Marcada pela revolução industrial na qual os processos de produção artesanais foram rapidamente substituídos pela produção por máquinas, o início da modernidade (século XVIII) associa-se ao desenvolvimento do capitalismo. Este sistema econômico baseado nos meios de produção e lucratividade marca o crescimento acelerado de sociedades capitalistas em que fortemente são claras as relações baseadas em dinheiro como resultado de maior consumo de bens porque há maior produção. O que e como produzir era então decidido pelos burgueses e operacionalizado pelas recém-nascidas classes trabalhadoras.

Quem eram os burgueses? A palavra burguês tem origem latina *burgus* que significava pequena fortaleza, pequeno povoado. Eram os pequenos artesãos impactados pela revolução industrial e pelo capitalismo que na era moderna precisariam produzir mais – com o auxílio das máquinas – . Assim, o ciclo liberal remete - se ao se ter mais lucro, vender mais, ter mais lucro, gastar menos, ter mais lucro.

Neste contexto, as ideias desta educação escolar iniciadas na modernidade, entre séculos XVI e XVII, se concretizam na Europa no século XVIII e distingue-se pelo estabelecimento de princípios muito evidentes a fim de atenderem às exigências de produção ditadas pelo capitalismo.

. Dessa maneira, conforme Souza (2004), a instituição familiar em seu dever de educar partilhado constitucionalmente com o Estado, numa perspectiva liberal, colocou em todo século XX a educação escolar nos trilhos da

formação/formatação exigida, o controle dos corpos e das mentes das “potencialmente desregradas” crianças. Compreende-se que a administração calculada da formatação dos corpos pelo ordenamento disciplinar escolar, do modo de pensar postulado na escola, foi a grande aliada do liberalismo econômico – caracterizado pela não intervenção do Estado na economia, defendendo a livre concorrência e propriedade privada - na Modernidade.

Por consequência desta liberdade econômica (e política) que favoreceu o capitalismo houve a crescente e maior concentração de riquezas da burguesia e a pobreza à classe operária. Por esta razão foi tão criticado pelo marxismo no século XIX. O conjunto de ideias econômicas, políticas, sociais e filosóficas criadas e desenvolvidas pelos pelo economista e filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) e seu amigo e colaborador, político e também filósofo alemão, Friedrich Engels (1820-1895).

O herdeiro da filosofia alemã era admirador do grande filósofo grego Aristóteles. Marx representou bem o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) e Nietzsche (1844-1900) e pelo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). O marxismo como método de análise socioeconômico das relações de classe e conflitos sociais também teve outros representantes como o alemão Friedrich Engels (1820-1895), o húngaro Georg Lukács (1885-1971), o italiano Antonio Gramsci (1891-1937), a alemã Escola de Frankfurt, os franceses Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Louis Althusser (1918-1990). Este breve recorte histórico foi oportuno para evidenciar a preocupação de intelectuais em diferentes regiões pensando as questões econômicas geradoras de grandes conflitos sociais.

A influência do positivismo entre os séculos XVIII e XX incutiu a ideia de que a única forma de adquirir o conhecimento real é através do método científico e, portanto, quaisquer outras formas de conhecimento não podem ser comprovadas cientificamente, fortalecem-se as instituições focadas no ajustamento de conduta dos indivíduos na sociedade a fim de manter o controle das massas.

Analisando as demarcações necessárias à segurança cultural do capitalismo, a reprodução da educação clássica, pensando a educação grega,

tornou desde cedo, a primeira infância um espaço de ideológicas disputas para a manutenção de um projeto de sociedade.

Logo, conforme REBUÁ (2013), hierarquização, ordenamento, verticalização da cultura dominante, dentro da lógica da Indústria Cultural, e o controle das massas sociais, foram algumas das categorias tecidas no projeto de nação e educação ocidental. A partir do pensamento do autor pode-se entender que, os traços evidenciados na educação desses séculos, transpuseram as barreiras das próprias instituições escolares, contemplando à educação conceitos como nacionalidade, patriotismo, disciplinarização, higienismo, enrigecimento dos corpos, introjetadas pelo capitalismo (REBUÁ, 2014b).

A sociedade contemporânea herdou a premissa de que ser um bom cidadão e seguir o padrão de bom trabalhador tem suas similitudes com ser um bom soldado. Aspectos que se comunicam com o conceito de 'biopoder' em Foucault. Para o filósofo francês Michel Foucault, em todas as relações humanas há relações de poder, seja na família, escola, hospitais, clínicas. O poder para o filósofo, não possui um centro definido e permanente, microfisicamente as relações de força podem se modificar.

Em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Esse foi o contexto da educação escolar dos últimos 3 (três) séculos e que, banhados pelo modo de produção capitalista resultou na dupla consequência: formação para o trabalho e cidadania.

A disciplina é uma forma de organização o espaço, do tempo e dos indivíduos. Foucault não afirma que o poder disciplinar é negativo, mas admite que a disciplinarização dos corpos é um mecanismo para a transformação e a docilização, além de transformar a força corporal em força útil. Em se tratando do período histórico tratado, a disciplina atua como técnica de dominação para atender de melhor forma às do capitalismo.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII formulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Arelados aos mesmos instrumentos de aparelhamento dos indivíduos para a adaptação social, escola e indústria perduraram num sentido padronizado de formação, fazendo da produção de um tipo de corpo e intelecto, o modelo padronizado exigido pela possível demanda do mundo do trabalho.

### **EDUCAÇÃO, ESCOLA E DISCIPLINA.**

Os três vocábulos são comumente utilizados nos textos referentes a educação em algum momento. Mas vamos analisar, através da etimologia, quais seus significados originais e seus sentidos atuais.

A palavra "educação", deriva de "educar". Esta, por sua vez, tem origem do Latim *educare*. O termo -ex, também do latim, significa "fora" ou "exterior". De mesma etimologia, *ducere* tinha o significado na antiguidade de "guiar", "instruir", "conduzir".

O vocábulo "escola" tem sua origem na Grécia antiga, com *skhole*. O termo evoluiu até o latim *schola*. Contudo, em ambas línguas tinham o mesmo significado: "discussão ou conferência", como também significavam "folga, ócio". Nessa última palavra, o ócio, a mudança em seu sentido é algo bastante peculiar. Na antiguidade possuía o sentido de ter um tempo para refletir, para pensar. Com o advento da Revolução Industrial, essa palavra ficou atrelada à quem não produz, quem não "faz" nada; sentido compartilhado pelo senso comum até os dias atuais.

Etimologicamente, a palavra disciplina tem sua origem no Latim *discipulus*, que significava "aquele que aprende", gerando a palavra discípulo que conhecemos em nosso léxico. Já o termo *discipulus* é proveniente do verbo *discere*, que significa "aprender". Como resultado, a origem da palavra disciplina deriva de discípulo.

Contudo ambas encontram origem no termo “pupilo”, também do latim, com significado de educar, instruir, treinar. Neste sentido a palavra transmite a ideia de modelar uma pessoa (relacionado a valores e ética) ou moldar um profissional (questões técnicas). Do latim também deriva o prefixo *-in* que significa negação em nosso idioma. Portanto, indisciplina vem a ser o oposto à disciplina. Esta palavra era usada para indicar a disposição dos discípulos (ou pupilos) a seguirem os ensinamentos além das recomendações de convivência. À esta recomendação, iniciaram as regras de comportamentais para convivência em sociedade. Na prática, para que os discípulos pudessem aprender, era necessária uma organização e ordenamento. Com o tempo, o sentido de organização e manutenção de ordem foi agregado à disciplina. Dessa forma, observamos a clara conexão entre os termos educação, escola e disciplina e, especificamente a intenção das ações disciplinares.

Referenciando Foucault, o exame disciplinar, por exemplo, é a confluência dos mecanismos da microfísica do poder, que combinam vigilância hierárquica e sanção normalizadora.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia com as da sanção que normatiza. É um controle, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir, estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (...) A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo seu brilho visível. (FOUCAULT, 2010, p. 177).

Na obra *Vigiar e punir*, Foucault retrata o indivíduo moderno como resultado de tecnologias de poder disciplinares reproduzidas e legitimadas a partir de determinados saberes humanos.

Uma vez que a disciplina se vale do mecanismo da vigilância como um dos mais eficazes, os resultados do poder (exemplo: rigidez e docilização dos corpos) podem ser produzidos pelo sentimento de estar sendo controlado, vigiado. Contudo, nesta sociedade o poder disciplinar não pode gerar custos, deve também ser econômico. Portanto não há guardas ou inspetores, mas sim arquiteturas que facilitam a vigilância de cada personagem que convive em seus interiores.

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle

que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (FOUCAULT, 2010, p. 167).

O poder exercido através do soberano através de execuções, condenações, shows de violência foram substituídos na sociedade moderna, pelo poder disciplinador, onde não é mais o corpo o objeto de pressão e vigilância, mas a psicologia e seus efeitos no corpo do homem nas expressões de poder. Assim, o corpo é reprimido para exercer as suas potencialidades dentro de um contexto em que as indústrias necessitavam de braços para o trabalho:

O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplicio como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou de um direito. Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão - privação pura e simples da liberdade – nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra. Consequências não tencionadas mas inevitáveis da própria prisão? Na realidade, a prisão, nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico. A crítica ao sistema penitenciário, na primeira metade do século XIX (a prisão não é bastante punitiva: em suma, os detentos têm menos fome, menos frio e privações que muitos pobres ou operários), indica um postulado que jamais foi efetivamente levantado: e justo que o condenado sofra mais que os outros homens? A pena se dissocia totalmente de um complemento de dor física. Que seria então um castigo incorporal? Permanece, por conseguinte, um fundo "suplicante" nos modernos mecanismos da justiça criminal - fundo que não está inteiramente sob controle, mas envolvido, cada vez mais amplamente, por uma penalidade do incorporal.(FOUCAULT, 2010, p.18).

Desta forma, ao disciplinar o corpo, os indivíduos tornam-se dóceis e submissões às normas e ordens de forma com que o corpo, uma vez bem controlado, evita oposições de ideais, protestos ou manifestações.

Através do ordenamento didático-curricular – objetivando a docilização dos corpos, pensando Foucault (1988), em sua análise sobre o conceito de biopoder – conclui-se que, para assegurar corpos produtivos aos processos econômicos sob a égide do capitalismo, a disciplina escolar objetiva aumentar a força dos corpos em termos de produtividade econômica, uma vez que “este biopoder, sem a menor dúvida, foi um elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo”, (FOUCAULT, 1988, p.153). No caso das instituições totais

descritas por Erwin Goffman (1971), relacionada à vida fechada e com horários definidos desde a hora de acordar – a “alvorada” - até a hora de dormir – também chamado de “silêncio” muito comum nas escolas de formação militar, em particular na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e suas congêneres das outras Forças<sup>6</sup> armadas, onde “todas as fases das atividades diárias são programadas dentro de linhas estreitas, uma atividade conduzindo no tempo predisposto para a próxima” (GOFFMAN, 1971, p. 305)

Os espaços físicos e as estruturas também são características do poder disciplinar. Foucault descreve o Panóptico, projeto arquitetônico em forma de anel com uma torre no centro de forma a facilitar a visibilidade de quem quer ver e dos que são vistos, ou seja, vigilância e controle total e permanente. Na educação militar, ocorre o processo de socialização mais intenso e longo de toda a formação técnica e superior. O regime de internato, com mais de 10000<sup>7</sup> (dez mil) horas de aula ou instrução de disciplinas profissionais, é dividido por meio de manobras militares e exercícios de campo. Este é um longo período, porque ocorre num período de cinco anos ininterruptos, em um sistema de isolamento comparado com uma “bolha” ou “um mundo à parte” (CASTRO, 1990). Neste sentido o termo panoptismo converge ao controle total do poder disciplinador. Esta é a finalidade do projeto.

O panótipo funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 2010, p. 194).

Neste sentido é relevante ressaltar que Foucault identificou a necessidade de um acompanhamento constante, com o objetivo de moldar suas atitudes, sem, contudo, afetar o principal instrumento de trabalho:

O poder disciplinar possui uma enorme eficácia produtiva e social, que não poderia ser compreendida nem explicada se o mesmo fosse visto apenas sob o ângulo da violência e da repressão. O que Foucault pretende mostrar é que a dominação capitalista não conseguiria se manter tão solidamente se fosse exclusivamente baseada na repressão

---

6

Escola Naval na Marinha do Brasil e a Academia da Força Aérea para a Aeronáutica.

7

Currículo da Academia Militar das Agulhas Negras (BRASIL, 2016).

e na violência. O que interessa a esse tipo de poder das sociedades burguesas não é mutilar os homens, puní-los ou castigá-los fisicamente, as gerir e controlar as suas vidas de uma forma muito mais sutil: trabalhando seus corpos, domesticando-os, aprimorando-os, no sentido de obter o máximo em termos de eficácia econômica e força produtiva e o mínimo em termos de resistência política. (PAULA, 2005)

As necessidades da disciplina nas instituições castrenses revestem-se de importância quando prestamos atenção na sua função weberiana da administração da violência. A educação profissional militar trabalha com armamentos e equipamentos voltados para a arte da guerra, dentro dos princípios constitucionais e conforme a legislação em vigor.

Nesse aspecto, o controle exercido pelo Estado sobre o jovem que está no processo de formação é mais intenso e voltado para o viés das atitudes tomadas dentro de determinado ambiente operacional. Assim, a intensidade tem relação com a especificidade dos dois pressupostos básicos na instituição militar: a hierarquia e a disciplina.

O primeiro pressuposto busca selecionar e posicionar os corpos dentro de uma cadeia hierárquica facilmente identificável por meio da enunciação dos postos e das graduações, em que se sabe com precisão “quem deve vigiar” e “quem deve punir”. Nesse ponto, o segundo pressuposto - a disciplina - transcorre como elemento central de manutenção dessa hierarquia, pois se encarrega de docilizar esses corpos, moldando os comportamentos para desempenhar o que se espera daquele militar em uma situação hipotética (Durkheim, 2002), lapidando a sua atitude de acordo com as “normas” em vigor.

Em consequência, os militares que prosseguem na carreira devem seguir estritamente o que está previsto nos planejamentos e diretrizes curriculares, moldando o seu interior, com vistas a externar as atitudes desejadas pelos seus superiores, sob pena de não serem promovidos na escala hierárquica ou até mesmo serem excluídos ou punidos sob a esfera disciplinar. Desse modo, os corpos dos alunos no processo de formação são guiados tanto no seu plano consciente, quanto no seu plano inconsciente e isso pode ter continuidade no restante da carreira.

As questões disciplinares são, por muitas pessoas, identificadas como formas rígidas e restritas de conduta e, portanto, são criticadas. Contudo, a

organização da vida em sociedade é possível através da disciplina pela qual são formalizados horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, das clínicas e hospitais, das escolas, dos prestadores de serviços, etc. Consequentemente é estabelecido horário para que os indivíduos enquanto pacientes, clientes, consumidores, estudantes, etc possam ser atendidos nas consultas médicas e no comércio em geral. Ao estabelecer o início e término das aulas, por exemplo, estamos disciplinando o horário de estudo dentro da instituição de ensino.

### **AUTODISCIPLINA.**

O outro viés de reflexão quanto a disciplina é a que é autoestabelecida e autocontrolada.

A autodisciplina é uma habilidade que pode ser desenvolvidas por todos independentemente da idade, sexo, religião, nacionalidade, profissão. Esta habilidade não deve ser associada a uma vida regrada e cheia de limitações, mas organizada em prol de atingir objetivos que podem ser pessoais ou profissionais.

Para ser aprovada em um concurso realização pesquisas, atingimento de metas em geral: a disciplina que o indivíduo estabelece e nela preserva é a sua maior possibilidade de êxito.

Conforme o pensamento Gramsciano, as escolas profissionais atuantes à formação para o trabalho não constituía, no caso italiano, numa democratização.

não se deve multiplicar e graduar os tipos de escola profissional, senão criar um tipo único de escola preparatória (elementarmédia) que leve o jovem até o umbral da eleição profissional, formando ao mesmo tempo uma pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar o que dirige (1972, p.127).

Na sua perspectiva de escola democrática, Gramsci visava uma formação escolar que promovesse a formação humanista contribuindo através da teoria e prática à elevação cultural dos discentes de forma a possibilitar que fossem governantes.

concebida e organizada como etapa decisiva capaz de criar os valores fundamentais do 'humanismo', e a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias à posterior especialização, seja de carácter científico (estudos universitários), seja de carácter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, etc.). O estudo e a aprendizagem dos métodos criativos na ciência e na vida devem começar nesta última etapa da escola e não ser mais um monopólio da universidade, ou deixado ao acaso da vida prática; esta etapa escolar

deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criativa (1972, p.127)

Neste sentido Gramsci propõe uma escola unitária com o propósito de adquirir a maturidade intelectual na busca da emancipação humana. Logo, não se trata de autoritarismo no cumprimento disciplinar teórico, mas sim de uma escola capaz de desenvolver intelectuais autodisciplinados. Partindo do sujeito a autodisciplina a fim de desenvolver sua autonomia moral e definir sua orientação profissional.

Neste sentido, nossa reflexão é quanto a autodisciplina adotada com naturalidade, o que possibilita maturidade emocional evitando frustrações quando se abre mão de momentos pontuais de satisfação pessoal (exemplo: acordar bem tarde, comer muito, viajar todo o final de semana).

O indivíduo disciplinado estabelece naturalmente para si um estilo de vida de autocontrole, persistência, foco e perseverança. Quaisquer desafios poderão fazer refletir mas não fraquejar porque na medida em que os objetivos vão sendo alcançados e os resultados alcançados, gradativamente o indivíduo se torna mais confiante.

Sobre esse aspecto não tratamos aqui somente do ser humano para o mundo do trabalho, mas também os à sua satisfação pessoal. Por exemplo, quanto ao controle de atos impulsivos ou ações precipitadas. Através dos resultados atingidos com o uso da disciplina, o homem conquista mais credibilidade e confiança, fundamentais às relações sociais saudáveis.

## **CONCLUSÃO**

O poder soberano dos séculos passados foi substituído pelo poder disciplinar sobre o corpo mantendo a mesma finalidade de produção de indivíduos submissos ao sistema político, econômico e social vigente. A fonte de poder na sociedade é objeto de pensamento contínuo do pensamento político e nas instituições fechadas como as escolas militares isto não é diferente. A condução dos corpos por meio das regras e normas militares é apoiado por um rígido sistema disciplinar dotado de recompensas e punições, sob o intermédio do controle instituído pela fronteira física e pelos comportamentos demonstrados ao longo de sua formação, pois a medida que as atitudes não esperadas são

postas em evidência, um arcabouço de regulamentos e ordens oferecem o amparo estatal para por em prática o processo de exclusão do discente. Assim, não há como falar de dominação política sem falar de relações de poder, ou seja, uma relação entre pessoas.

Por outro lado, a compreensão de que o poder é positivo, segundo a concepção foucaultiana, trouxe-se à luz outras reflexões antes não identificadas, pois o que faz com que o poder se mantenha e que ele seja aceito é que ele não pesa somente como uma força que diz não, mas por outro lado, ele produz discursos, induz ao prazer, forma saber, etc (PAULA, 2005)

Portanto, esta relação de poder do homem social não está centralizado e não classifica-se como um bem ou uma riqueza, mas funciona em rede na qual os indivíduos exercem e sofrem ações de poder ou de micropoderes.

Independente da análise sob a perspectiva da ontologia crítica, a qual direciona à resistência dos pensamentos disciplinares (principalmente quando se trata da teoria do capital), é positivo identificar a necessidade da disciplina e sua aplicabilidade aos êxitos humanos inferindo na relação íntima entre as categorias trabalho e educação.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Academia Militar das Agulhas Negras. **Currículo Escolar 2016**. Resende: AMAN, 2016.

CANDIOTTO, C. (2012). Disciplina e segurança em Michel Foucault: a normalização e a regulação da delinquência. **Psicologia & Sociedade**, 24(n. Spe.), 18-24.

CASTRO, C. **O espírito militar. um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

COSTA, E. V. **Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil**. Disponível em:<  
[http://www.academia.edu/download/48229363/sintese\\_do\\_texto\\_de\\_Viotti.docx](http://www.academia.edu/download/48229363/sintese_do_texto_de_Viotti.docx)>.  
Acesso em: 29 set. 2018.

DURKHEIM, E. **A Evolução Pedagógica**, Ed. Artmed, 325p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 38ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

Goffman, E. (1971). **As características de instituições totais**. In A. Etzioni (Org.), *Organizações complexas*. São Paulo: Atlas, 1971.

GRAMSCI, Antônio. **Los Intelectuales y la Organización de la Cultura**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión. 1972.

IGLÉSIAS, Francisco. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. **O poder, as resistências e a subjetividade em Michel Foucault**. Revista Actas Freudianas, Juiz de Fora, v. I., n.I, p. 77-86, julho/dezembro 2005.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

REBUÁ, Eduardo.. Resenha - **Dicionário Gramsciano (1926-1937)** - Guido Liguori e Pasquale Voza. LE MONDE DIPLOMATIQUE (BRASIL), v. -, p. 39-39, 2017a.

\_\_\_\_\_. **A Educação Disputada: democracia e sentidos do público no Brasil hodierno** - entre o empresariamento e o (neo)conservadorismo. UNIVERSIDADE E SOCIEDADE (BRASÍLIA), v. XXVII, p. 100-111, 2017b.

\_\_\_\_\_. ; SEMERARO, G. (Org.) ; DANGELO, M. (Org.) ; GOMES, R. L. R. (Org.) . **Pensamento Social Brasileiro: matrizes nacionais-populares**. 1. ed. Aparecida - SP: Ideias e Letras, 2017c. 200 p .

\_\_\_\_\_. **Cidadania: a gente vê por aqui?** Pedagogia midiática e hegemonia no Brasil contemporâneo. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 6, p. 184-196, 2014a.

\_\_\_\_\_. Resenha de O novo imperialismo, de David Harvey. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 6, p. 272, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Hegemonia, capital-imperialismo e intelectuais:** categorias marxistas para um esforço de análise da relação democracia-educação. Trabalho Necessário, v. 11, p. 1-18, 2013.

REIS, Elisa Maria Pereira. O Estado Nacional como ideologia: o caso brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-203, dez. 1988. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2166/1305>>. Acesso em: 02 Out. 2018.

WEBER, Max. **"The nation" em Gertb e Mills** (eds.). From Max Weber: essays in sociology. New York, Oxrord Universiry Press, 1946.